



O QUE PENSAM MENINOS E MENINAS SOBRE OS BRINQUEDOS: INFLUÊNCIA DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Merele Lima Camilo¹

Sônia Bessa²

Resumo

É de suma importância pensar a prática educativa de forma reflexiva considerando que o modo como a criança vive sua infância é um fator determinante em suas escolhas futuras. Pensando em analisar a função socio cultural do objeto brinquedo e sua influência na perpetuação dos estereótipos pertencentes ao gênero masculino e feminino foi proposta uma pesquisa envolvendo 39 crianças de escolas municipais de Formosa-GO, a fim de descobrir o que elas pensam sobre o brinquedo. São crianças do sexo masculino e feminino com idade entre 4 e 7 anos. Foram colocados três brinquedos diferentes diante da criança (boneca, carrinho e um boneco do personagem Hulk) então foi-lhe solicitado que mencionasse qual daqueles brinquedos parecia-lhe o mais legal, seguido de qual gostaria de ter. As preferências de brinquedos dos meninos parecem mais estereotipadas em comparação com as meninas. Nenhum menino preferiu brinquedo “socialmente aceito como de menina”, enquanto algumas meninas escolheram brinquedos “socialmente aceitos como de menino”. O comportamento das crianças, parece revelar a presença marcante dos estereótipos de gênero. 86,8% das crianças presenteariam a irmã com a boneca e somente 13% com outro tipo de brinquedo. Evidencia-se a presença do estereótipo de gênero, visto que, por mais que não considerem a boneca como o brinquedo mais legal ou aquele que gostariam de ter, ao vê-la, a maioria não imaginou outra possibilidade para a irmã ou o carinho e o boneco para o irmão. São representações fortemente arraigadas no imaginário de crianças que ainda não chegaram aos 8 anos.

Palavras Chaves: Cultura; Gênero; Estereótipos; Brinquedos.

Introdução

A escola tem importante papel na formação e desenvolvimento das crianças. Ao chegarem em idade escolar geralmente os responsáveis priorizam uma instituição de ensino que envolva em seu processo de ensino-aprendizagem a educação de valores e comportamentos adequados às suas concepções.

Sabendo que a aprendizagem das crianças ocorre de forma mais significativa através dos jogos e brincadeiras são esses os instrumentos mais utilizados nas escolas. É possível

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Formosa. E-mail: merelecamillo@live.com.

² Doutora em Educação. Profa. do curso de Pedagogia da UEG - Campus Formosa. E-mail: soniabessa@gmail.com

observar dois universos distintos de brinquedos, um que abarca aventuras, liberdade, força física e outro que envolve passividade, cuidado com o lar e padrão estético.

Brougère (1995) afirma que:

[...] É, a cultura que nos permite dar significado ao objeto brinquedo, atribuir-lhe um sentido. E a construção do seu significado se faz no âmbito das práticas discursivas, da linguagem. As representações de brinquedo, preexistentes, num determinado universo cultural terão, portanto, sobre as crianças e adultos forte papel modulador de significados que estes mesmos sujeitos passam a atribuir a tais objetos (p.211).

Para Brougère (1995), entendemos a cultura como produto e produtora do ser humano. Cada cultura em cada época elege o brinquedo “ideal” para o menino e para a menina. Nesse aspecto, o brinquedo tem uma função social e está impregnado de significados e construções que vão sofrendo variações históricas e culturais, visando os disciplinamentos dos corpos para desempenhar papéis “desejáveis”. Logo, o brinquedo apresenta-se como reprodutor cultural apontando traços que levam a naturalização das diferenças culturais de gênero.

É importante destacar que sexo e gênero não são a mesma coisa. Conforme Auad (2006, p.22), “o sexo é percebido como uma questão relativa à biologia, enquanto o gênero é uma construção histórica a partir dos fatos genéticos.” Para Scott (1995), a questão do gênero teve análise mais reflexiva com feministas. Elas iniciaram seu uso mais seriamente e no sentido mais literal como forma de referir-se à organização social da relação entre os sexos.

As relações de poder de qualquer natureza sempre foi uma realidade no contexto humano. Em “Vigiar e Punir” de Foucault (1987), esse autor refere-se a microfísica do poder, entendendo “... o poder [...] como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras, a táticas, a funcionamentos” dessa forma o poder não se encontra centralizado, mas circulando em todo meio social utilizando os mais diversos aparelhos e instituições que fazem com que o poder esteja difundindo-se, encerrando (e iniciando) nos próprios corpos dos sujeitos – mecanismo infinitesimal de poder. Em sua obra História da Sexualidade I: a vontade de saber, Foucault (1988) afirma que o mecanismo irreduzível de poder é o próprio corpo humano. O corpo é a menor unidade de circulação de poder, é onde o poder que circula na sociedade se inicia.

Simone de Beauvoir em sua obra “O segundo sexo: Fatos e mitos” (1949) conclui

que os modos comportamentais do ser mulher e do ser homem são uma construção sociocultural e, seguida por estudiosas feministas, se contrapõe ao conceito do determinismo biológico recusando qualquer explicação pautada neste. Stuart Hall (1997) diz que o feminismo trouxe novas e importantes contestações ao abordar temas como o trabalho doméstico, a família, sexualidade, o cuidado com as crianças, dentre outros. Além disso, Hall (1997):

[...] Enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas). [...] aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres, expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero (p. 49-50).

A Pedagogia está presente em qualquer lugar em que o conhecimento seja produzido, como cita Giroux e McLaren (1995, p.144) “em qualquer lugar em que exista a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar comum”. Nesse sentido, Souza (1999, p.01) define que a constituição da Pedagogia se dá “para além do domínio das habilidades técnicas um modo de produção cultural diretamente envolvido na forma como o poder e o significado são utilizados na construção e na organização do conhecimento”.

Sendo assim a Pedagogia e tudo que a envolve deve ser analisada e compreendida considerando sua relação com questões históricas, políticas e culturais e ainda o envolvimento nas tramas do poder conforme fundamenta Foucault (1987).

Desse modo a abordagem com relação ao gênero não será de forma a reafirmar a diferença sexual atrelada ao sentido biológico e a diferença anatômica. Mas uma abordagem histórico-crítica que entenda os papéis sociais de gênero como uma construção social e histórica a partir do sexo.

Numa perspectiva de Educação integral em 2017 foi apresentado ao país a BNCC Base Nacional Comum Curricular. É um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos da Educação Básica têm o direito de aprender, em qualquer lugar do país. Tem por base o artigo 26 da LDB e é obrigatória para todas as escolas públicas e privadas. Trata-se de uma política de estado. A BNCC aponta a equidade como um de seus fundamentos trazendo a oportunidade de repensar a proposta de organização dos ambientes, espaços, materiais e dos contextos de aprendizagem promovidos nas instituições de ensino. Em seu rascunho, pela

primeira vez na história da educação, houve menção à igualdade de gênero. Tal item não aparece no documento final por ter sido suprimido devido a “ilegalidade contra princípios constitucionais e violação aos direitos humanos.” Igualdade de gênero nada mais é do que a própria equidade. Demonstra o objetivo de alcançar uma sociedade justa e igualitária, buscando combater às desigualdades, a discriminação e a violência.

O currículo legalmente instituído busca atender aos objetivos da nação formando ou moldando múltiplas identidades que atendam ao desenvolvimento econômico e social.

Para Antunes (2014):

Considerando as especificidades regionais e culturais, nele se formam as relações de poder onde a cultura que tem mais poder quer impor seus valores sobre as outras, é lugar onde as identidades são construídas e nele se discute tempo, espaço, autonomia e existência. No currículo é que se debate a importância da diversidade levando em consideração os diferentes lugares e trajetória percorrida pelos grupos. (p.01)

É possível observar através da narrativa do currículo quais os grupos sociais legitimados a ponto de representarem a si e outros, por consequência, quais são representados por terceiros aqueles que são excluídos de qualquer representação.

Souza atrela ao processo de construção do currículo questões presentes na sociedade:

Dentro deste processo encontram-se as relações de gênero e a sexualidade, que embora nem sempre contempladas nos currículos das escolas e nos cursos de formação de professores/as como objeto de discussão e análise, estão presentes na sociedade, sendo constantemente acionadas nas diversas relações sociais e institucionais. (SOUZA, 1999, p.02).

Considerando a perspectiva da educação integral proposta na BNCC e o contexto educacional brasileiro essa investigação pretende analisar as preferências e reações de meninos e meninas mediante a escolha de brinquedos destinados a meninos e meninas, a fim de averiguar o que estes pensam sobre os seus brinquedos.

Metodologia

Essa investigação, de natureza qualitativa e descritiva teve por objetivo verificar quais as preferências e atitudes de crianças de 4 a 7 anos acerca de brinquedos de meninos e de meninas, verificar quais suas preferências e como reagem diante desses brinquedos. Participaram 39 crianças: 6 delas com 4 anos, 11 com 5 anos, 12 com 6 anos e 10 com 7 anos.

Foram 19 meninos e 20 meninas. 3 dessas crianças estão no 1º ano escolar do ensino fundamental, 19 no 2º ano e 17 no Jardim II. Todas essas crianças estão no processo de alfabetização da língua escrita.

Para a pesquisa, foram envolvidas crianças de três instituições de ensino, um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) e uma escola pública municipal de Formosa-GO e uma escola pública da região administrativa de Planaltina DF.

A fim de averiguar o que as crianças pensavam, foi proposta a seguinte situação: Foram colocados três brinquedos diferentes diante da criança (uma boneca, um carrinho e um boneco do personagem Hulk). Foi-lhe então solicitado que mencionasse qual daqueles brinquedos parecia-lhe o mais legal, seguido de qual gostaria de ter. Posteriormente foi solicitado que escolhesse um para presentear a irmã e outro para presentear o irmão.

As crianças foram contatadas na escola mediante a autorização de pais e professores, com a garantia que não seria revelado nenhuma informação sobre as crianças.

Resultados e discussão

Nesse estudo participaram 39 crianças. A descrição dos participantes está apresentada na tabela 01. O maior número de crianças se concentra entre 5, 6 e 7 anos e somente 6 (15,4%), são de crianças com idade de 4 anos.

Tabela 01 - distribuição da amostra quanto a idade.

Idade	Frequência	Porcentagem
4 anos	6	15,4
5 anos	11	28,2
6 anos	12	30,8
7 anos	10	25,6
Total	39	100,0

Fonte: Dados organizados pelas pesquisadoras.

Quanto ao sexo, 48,7% foram meninos e 51,3% meninas. Dos meninos 3 (7,7%) cursavam o primeiro ano, 10 (25,6%) o segundo ano e 6 (15,4%) o Jardim II. As meninas estão distribuídas entre o segundo ano, 9 (23,1%) e o Jardim II 11 (28,2%). Para a pesquisa foram envolvidas crianças de três instituições de ensino, um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), uma escola pública municipal de Formosa-GO e uma escola pública da

região administrativa de Planaltina DF. São 10 meninos (25,6%) da escola pública municipal, 6 (15,4%) do CMEI e 3 (7,7%) de Planaltina-DF, já as meninas 9 (23,1%) estão na escola municipal e 11 (28,2) no CMEI.

Esta investigação originou-se a partir de situações observadas durante estágio de docência do 5º semestre do curso de Pedagogia da UEG Formosa em um Centro Municipal de Educação Infantil. Foi observado durante as regências que as crianças, com idade entre 4 e 5 anos, pautavam seu comportamento e preferências em modelos estereotipados. Expandindo essa perspectiva para análise da problemática foram incluídas crianças de variadas idades.

Os dados foram organizados com auxílio do programa estatístico SPSS 22.0 e serão apresentados em forma de tabelas.

Com três brinquedos a frente foi perguntado a cada criança individualmente qual daqueles brinquedos ela considerava mais legal. O resultado foi: 8 crianças (20,5%) disseram ser o carrinho o brinquedo mais legal, 13 delas (33,3%) responderam ser a boneca e 18 (46,2%) fizeram menção do boneco como o brinquedo mais legal. É possível que essa diferença de preferência seja marcada por uma maior flexibilidade quanto às concessões ao gênero feminino no quesito brinquedos. A tabela 02 apresenta esses resultados considerando o sexo dos entrevistados.

Tabela 02 – Amostra da escolha do brinquedo mais legal.

		Qual desses brinquedos você acha mais legal?		
		Carrinho	Boneca	Boneco
Sexo	Feminino	5,1%	33,3%	10,3%
	Masculino	15,4%	0,0%	35,9%
Total		20,5%	33,3%	46,2%

Fonte: Dados organizados pelas pesquisadoras.

A preferência dos meninos foi pelo carrinho com 15% dos meninos, e das meninas a preferência se concentrou na boneca, nenhum menino preferiu a boneca enquanto 5% das meninas mencionaram preferência pelo carrinho. O boneco de super-herói foi preferido por meninos e meninas sendo que quase 36% dos meninos e 10,3% das meninas mencionaram esse brinquedo como seu preferido. Os super-heróis, parecem agradar meninos e meninas, são brinquedos com natureza mais unissex. Os brinquedos na visão Caldas-Coulthard e Leeuwen (2010, p.01):

São produzidos de acordo com significados sociais que variam histórica e culturalmente e, portanto, transmitem mensagens diferentes para as crianças sobre o mundo social e as práticas sociais que as rodeiam então entender o papel do brinquedo como um poderoso objeto semiótico possibilita que os identifiquemos como um repositório das ideologias e “sistemas de valores” sociais.

A boneca foi escolhida por 33,3% dos entrevistados, ou seja, todas as meninas, o que pode demonstrar maior rigidez no padrão masculino permitindo poucas variações na conduta esperada pelo gênero.

Considerando a divisão de gênero na sociedade, os brinquedos masculinos são mais utilizados pelas meninas do que o oposto. Segundo Cruz, Silva e Souza (2012) isso se dá devido ao fato de que para um brinquedo pensado para determinado gênero possa fazer parte do universo do outro é necessário haja sua “feminização” ou “masculinização”. O carrinho é pensado para o menino, para que ele possa adentrar o universo feminino precisa ser feminizado, associado a uma boneca, delicado ou pintado de cores femininas, como por exemplo, o carro da “Mônica” ou o carro da “Barbie”. Em contrapartida o inverso não ocorre com frequência, não há “masculinização” de brinquedos femininos por isso as possibilidades dos meninos são menos flexíveis e mais objetivas.

A pergunta seguinte solicitava que as crianças apontassem qual daqueles brinquedos gostaria de ter. Conforme mostra a tabela 3, 2,6% das meninas escolheram o carrinho, 35,9% a boneca e 10,3% o boneco. Houve diferença nas escolhas dos meninos, pois 7,7% escolheu o carrinho, nenhum deles escolheu a boneca e 41% escolheu o boneco. Nenhum menino teve coragem de escolher a boneca, contudo 1,03% das meninas optaram pelo boneco, preferência número 1 dos meninos.

Tabela 03 – Amostra do brinquedo que gostariam de ter.

		Qual desses brinquedos você gostaria de ter?			
		Carrinho	Boneca	Boneco	Outro
Sexo	Feminino	2,6%	35,9%	10,3%	0,0%
	Masculino	7,7%	0,0%	41,0%	2,6%
Total		10,3%	35,9%	51,3%	2,6%

Fonte: Dados organizados pelas pesquisadoras.

Considerando a premissa de Cruz, Silva e Souza (2012) nessa investigação, as preferências de brinquedos dos meninos parecem mais estereotipadas em comparação com as

meninas. Curiosamente o comportamento de algumas crianças parece revelar a presença marcante dos estereótipos: durante a entrevista uma menina enquanto brincava com o carrinho escolheu a boneca como brinquedo preferido. Questionada sobre isso ela não soube se posicionar. Um menino segurou a boneca durante toda a entrevista demonstrando preferência por ela, mas também não a escolheu, ao ser questionado soltou-a demonstrando desconforto e não soube se expressar quanto ao ocorrido.

A terceira questão proposta solicitava que a criança escolhesse um daqueles brinquedos para presentear sua irmã. Apenas um menino e quatro meninas escolheram brinquedo diverso da boneca, representando 12,9% da amostra. Foi utilizado o teste qui-quadrado com o nível de significância menor do que 0,05 para o cálculo das diferenças entre as variáveis: escola, idade, sexo e ano escolar. Não foi verificada diferença significativa quanto as variáveis, escola, idade ou ano escolar, contudo verificam-se diferenças $P < 0,05$ quanto ao sexo.

Tabela 04 - Amostra do brinquedos para presentear a irmã.

		Qual desses brinquedos você daria para a sua irmã?			
		Carrinho	Boneca	Boneco	Total
Sexo	Feminino	5,3%	36,8%	5,3%	47,4%
	Masculino	0,0%	50,0%	2,6%	52,6%
Total		5,3%	86,8%	7,9%	100,0%

Fonte: Dados organizados pelas pesquisadoras.

Estabelecendo relação com as respostas anteriores, verifica-se que 86,8% crianças presenteariam a irmã com a boneca e somente 13% com outro tipo de brinquedo. Evidencia-se a presença do estereótipo de gênero, visto que, por mais que não considerem a boneca como o brinquedo mais legal ou aquele que gostariam de ter, ao vê-la, a maioria não imaginou outra possibilidade para a irmã.

Uma das crianças entrevistadas escolheu o boneco e depois mudou a resposta, possivelmente para adequar o presente ao gênero biológico de quem o iria receber.

Alguns dos argumentos para justificar essa escolha foram: *“brincar de boneca é coisa de menina”*, *“porque ela é mulher”* e *“porque menina gosta de boneca”*. Ao serem questionados se já perguntaram as suas irmãs se elas realmente gostam de boneca não

souberam responder e usaram contra-argumentos paliativos: “*mas essa boneca também é bonitinha*”.

A quarta e última questão solicitava às crianças que apontassem com qual dos brinquedos presenteariam o irmão.

Tabela 05 – Amostra do brinquedo para presentear o irmão.

		Qual desses brinquedos você daria para a seu irmão?		
		Carrinho	Boneco	Total
Sexo	Feminino	26,3%	21,1%	47,4%
	Masculino	26,3%	26,3%	52,6%
	Total	52,6%	47,4%	100,0%

Fonte: Dados organizados pelas pesquisadoras.

Pelo tipo de resposta das crianças, verifica-se uma representação bem estruturada do que pertence ou não ao gênero masculino. Em nenhum momento os meninos escolheram a boneca para presentear o irmão ou ficaram em dúvida quanto à escolha. Isso porque a boneca não faz parte do universo tipicamente masculino.

Donald (2015), explica que os brinquedos que damos as crianças têm grande influência nas habilidades que desenvolvem. De acordo com Donald (2015), criamos comportamentos sociais ao estereotipar o tipo de brinquedo com que os meninos e as meninas brincam quando pequenos. Para essa autora, os brinquedos que pressupõe dominação, liberdade e poder normalmente são associados aos meninos. Por outro lado, os brinquedos e jogos associados às meninas estão relacionados à passividade, à vaidade e à subserviência.

Donald (2015), afirma que os brinquedos considerados femininos em nada estimulam o pensamento científico nas mulheres e a maioria deles não instiga a criatividade, o senso crítico ou o desenvolvimento de habilidades motoras.

O desenvolvimento das crianças encontra alicerce nos brinquedos. É através do brinquedo a primeira exteriorização da criança durante o processo de assimilação do meio social. Esse processo construtivista pode manter os costumes ou servir como ponte para a mudança. É possível que os estereótipos que guiam os comportamentos de meninos e meninas tenham reflexo em diversas esferas sociais como, por exemplo, mantendo as mulheres distantes de algumas profissões como áreas da ciência e construção.

Considerações finais

Nessa investigação verificou-se que os brinquedos de super-heróis parecem agradar meninos e meninas, é um brinquedo de natureza unissex. As preferências de brinquedos dos meninos parecem mais estereotipadas em comparação com as meninas. Nenhum menino preferiu brinquedo “socialmente aceito como de menina”, enquanto algumas meninas escolheram brinquedos “socialmente aceito como de menino”.

O comportamento de algumas crianças, mesmo com tenra idade, parece revelar a presença marcante dos estereótipos: verifica-se que 86,8% das crianças presenteariam a irmã com a boneca e somente 13% com outro tipo de brinquedo. Evidencia-se a presença do estereótipo de gênero, visto que, por mais que não considerem a boneca como o brinquedo mais legal ou aquele que gostariam de ter, ao vê-la, a maioria não imaginou outra possibilidade para a irmã ou o carrinho e o boneco para o irmão. São representações fortemente arraigadas no imaginário de crianças que ainda não chegaram aos 8 anos de idade.

De acordo com a perspectiva dos Estudos Culturais, os professores não são apenas transmissores de informações, portanto devem ultrapassar essa ideia e se perceberem como produtores culturais, já que a linguagem é mais do que um mero dispositivo de expressão é “uma prática histórica contingente, ativamente envolvida na produção, organização e circulação de textos e poderes institucionais” (Giroux, 1995: 95).

Para isso, faz-se necessário ampliar a definição de Pedagogia e currículo não se limitando ao domínio de técnicas e metodologias. Segundo Giroux (1995:100), “a pedagogia deve ser responsabilizada ética e politicamente pelas histórias que produz, pelas asserções que faz sobre as memórias sociais e pelas imagens do futuro que considera legítimas”.

Shirley Steinberg (1997) aponta para a necessidade de que pais, mães, professoras/es, psicólogos/os infantis e demais profissionais voltados para o cuidado e educação de crianças tenham uma visão de infância/criança que dê conta dos efeitos da cultura popular em suas autoimagens e suas visões de mundo.

Examinar os materiais didáticos e paradidáticos voltados para as crianças pequenas, bem como os diversos objetos culturais - brinquedos, filmes, etc. são fundamentais para perceber de que forma eles trazem concepções de gênero, sexualidade, raça/etnia, geração, nacionalidade, pautadas muitas vezes pela desigualdade.

Em um mundo marcado pela diversidade, é fundamental não compactuarmos com a ideia de que as diferenças sejam transformadas em desigualdade.

Referências

ANTUNES, Camila de Oliveira. **As teorias do currículo na perspectiva de Tomás Tadeu**

da Silva. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/Vanubia_sampaio/texto-1-38108443>. Acesso em: 23 jul. 2018

AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (publicado Originalmente em 1949). 1980.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum: educação é a base**. 3. ed. Brasília: MEC, 2017.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; VAN LEEUWEN, Theo. **Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais**. Linguagem em (Dis)curso, [S.l.], v. 4, p. p. 11-34, set. 2010. ISSN 1982-4017. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/289/303>. Acesso em: 23 jul. 2018.

CRUZ, Lilian Moreira; SILVA, Zenilton Gondim; SOUZA, Marcos Lopes de. **O brinquedo e a produção do gênero na educação infantil: uma análise pós-estruturalista**. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/gepss/article/view/3880/3095>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GIROUX, Henry. **Praticando estudos culturais nas Faculdades de Educação**. In: SILVA, T. T. (org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIROUX, H. McLAREN, P. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A F. (org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica.** Educação e realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SOUZA, Jane Felipe. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil.** Disponível em:

<http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2018.

STEINBERG, Shirley R. "Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações". In: SILVA, Luiz Heron et al. (Orgs.). **Identidade social e a construção do conhecimento.** Porto Alegre: SMED/POA, 1997.

VIEIRA, Sheila. **Brinquedos de "menina" afastam as meninas de carreiras na ciência.** Disponível em: <<https://storia.me/@pilarmag/brinquedos-de-menina-afastam-as-meninas-de-carreiras-na-ciencia-3kfafv>>. Acesso em: 23 jul. 2018.